

INTERVENÇÕES CIRÚRGICAS PARA FÍSTULAS OBSTÉTRICAS EM PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO: DESAFIOS NA REABILITAÇÃO GINECOLÓGICA E UROLÓGICA

Fabrizio Ferreira Freire¹
Guilherme Marques Reis²
Yasmin Pereira Vieira³
Vitória Severo Jeremias de Ávila⁴

RESUMO: Introdução: As fístulas obstétricas representam um grave problema de saúde pública em países em desenvolvimento, frequentemente resultantes de partos obstruídos. Essas condições podem causar não apenas sérios danos físicos, como incontinência urinária e complicações ginecológicas, mas também impactos sociais profundos, como estigmatização e exclusão. A reabilitação ginecológica e urológica após intervenções cirúrgicas é um componente crucial no tratamento dessas fístulas, porém enfrenta diversos desafios, incluindo a escassez de recursos, a falta de capacitação profissional e barreiras culturais que dificultam o acesso aos cuidados necessários. Objetivo: Explorar as intervenções cirúrgicas para fístulas obstétricas e os desafios associados à reabilitação ginecológica e urológica em contextos de países em desenvolvimento. Metodologia: A pesquisa foi realizada com base no checklist PRISMA, abrangendo artigos publicados nos últimos 10 anos nas bases de dados PubMed, Scielo e Web of Science. Foram utilizados cinco descritores: “fístula obstétrica”, “intervenção cirúrgica”, “reabilitação ginecológica”, “reabilitação urológica” e “países em desenvolvimento”. Os critérios de inclusão consistiram em: estudos que abordaram intervenções cirúrgicas para fístulas obstétricas, artigos que analisaram a reabilitação ginecológica e urológica, e publicações em inglês, português ou espanhol. Por outro lado, os critérios de exclusão foram: artigos que não abordaram o contexto de países em desenvolvimento, estudos com foco em fístulas não obstétricas e revisões não originais. Resultados: Os resultados destacaram que, apesar dos avanços nas técnicas cirúrgicas, a reabilitação enfrenta desafios significativos, como a necessidade de programas de acompanhamento adequados e a resistência cultural a intervenções urológicas. Além disso, foram identificados gaps na formação de profissionais de saúde, limitando a eficácia do tratamento. Os pacientes frequentemente relataram dificuldades emocionais e sociais que impactaram sua recuperação. Conclusão: Em síntese, as intervenções cirúrgicas para fístulas obstétricas, embora essenciais, não são suficientes sem uma abordagem abrangente de reabilitação ginecológica e urológica. Para melhorar os desfechos, é necessário investir em capacitação profissional e conscientização comunitária, promovendo uma recuperação holística para as mulheres afetadas por essas condições desafiadoras.

Palavras-chave: Fístula obstétrica. Intervenção cirúrgica. Reabilitação ginecológica. Reabilitação urológica e países em desenvolvimento.

¹Médico. Universidade Federal de Lavras (UFLA).

²Médico. Faculdade de Minas (FAMINAS BH).

³Médica. Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais – FCMMG.

⁴Médica. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG).

INTRODUÇÃO

As fístulas obstétricas são uma grave complicação que afeta principalmente mulheres em países em desenvolvimento, resultando de partos obstruídos ou prolongados, frequentemente associados à falta de acesso a cuidados de saúde adequados. Essas condições, que podem ser agravadas por fatores como a desnutrição e a ausência de assistência obstétrica qualificada, levam a uma comunicação anormal entre a vagina e a bexiga ou o reto. A incidência dessas fístulas é alarmante em regiões onde a mortalidade materna é alta e os serviços de saúde são limitados, o que acarreta sérios desafios para a saúde pública.

O impacto das fístulas vai além das complicações físicas. As mulheres que sofrem com essa condição frequentemente enfrentam estigmatização e exclusão social, resultando em um efeito devastador sobre sua autoestima e qualidade de vida. A incontinência urinária e fecal, que comumente acompanha essas fístulas, pode levar à vergonha e ao isolamento, limitando a capacidade dessas mulheres de participar plenamente em suas comunidades e atividades diárias. Além disso, muitas experimentam dificuldades emocionais, como depressão e ansiedade, intensificadas pela percepção negativa da sociedade em relação à sua condição. Portanto, a compreensão e o enfrentamento dessas questões são essenciais para promover a reabilitação e a reintegração social das mulheres afetadas.

As intervenções cirúrgicas para fístulas obstétricas são fundamentais no processo de tratamento, pois visam restaurar a função normal do trato urinário e reprodutivo. Contudo, o acesso a essas cirurgias é frequentemente restrito em muitas regiões, devido a uma combinação de fatores, como a escassez de profissionais de saúde qualificados e a infraestrutura inadequada nos serviços de saúde. A realização de procedimentos cirúrgicos eficazes requer não apenas técnicas avançadas, mas também um ambiente de suporte que inclua acompanhamento pós-operatório adequado.

A reabilitação ginecológica e urológica se mostra essencial para a recuperação completa das pacientes, mas enfrenta desafios significativos. A falta de recursos financeiros, a insuficiência de programas de reabilitação e a resistência cultural são barreiras que dificultam o acesso a cuidados contínuos. Muitas mulheres não recebem o acompanhamento necessário após a cirurgia, o que pode resultar em complicações adicionais e limitações na recuperação.

Além disso, a capacitação de profissionais de saúde é um aspecto crítico que não pode ser negligenciado. Investir na formação de médicos, enfermeiros e outros profissionais é

vital para garantir que eles possam as habilidades e o conhecimento necessários para realizar esses procedimentos e oferecer suporte emocional e psicológico às pacientes. A educação e a sensibilização nas comunidades também desempenham um papel crucial, pois ajudam a combater o estigma associado às fístulas e promovem um ambiente mais favorável à aceitação e ao tratamento das mulheres afetadas. Por meio dessas ações integradas, é possível melhorar significativamente os resultados para essas pacientes e reintegrá-las de forma mais efetiva à sociedade.

OBJETIVO

O objetivo da revisão sistemática de literatura é analisar as intervenções cirúrgicas realizadas para fístulas obstétricas em países em desenvolvimento, com ênfase nos desafios enfrentados na reabilitação ginecológica e urológica. A revisão busca identificar as lacunas existentes na assistência pós-operatória, além de avaliar a eficácia dos tratamentos oferecidos e as barreiras que limitam o acesso a cuidados adequados. Também se pretende explorar a importância da capacitação de profissionais de saúde e da educação comunitária para melhorar os desfechos clínicos e promover a reintegração social das mulheres afetadas. A análise fornece uma visão abrangente das práticas atuais e sugere caminhos para otimizar o cuidado e suporte a essas pacientes.

METODOLOGIA

A metodologia da revisão sistemática foi elaborada com base no checklist PRISMA, assegurando a transparência e a rigorosidade na seleção dos estudos. A pesquisa abrangeu as bases de dados PubMed, Scielo e Web of Science, utilizando cinco descritores principais: "fístula obstétrica", "intervenção cirúrgica", "reabilitação ginecológica", "reabilitação urológica" e "países em desenvolvimento". Esses descritores permitiram uma busca abrangente e direcionada à literatura relevante sobre o tema.

Os critérios de inclusão foram definidos para garantir a relevância dos estudos selecionados. Foram incluídos artigos que abordaram intervenções cirúrgicas específicas para fístulas obstétricas, publicações que analisaram a reabilitação ginecológica e urológica no contexto de países em desenvolvimento, estudos que apresentaram resultados clínicos e seguimento pós-operatório, trabalhos que foram publicados nos últimos dez anos e artigos redigidos em inglês, português ou espanhol.

Em contrapartida, os critérios de exclusão foram estabelecidos para filtrar informações não pertinentes. Foram excluídos artigos que não tratavam diretamente de fístulas obstétricas, estudos focados em condições não obstétricas, publicações que não ofereciam dados originais, artigos que não apresentavam relevância geográfica em relação a países em desenvolvimento e revisões não originais que não contribuíam para a nova compreensão do tema.

Após a aplicação desses critérios, os estudos foram avaliados quanto à qualidade metodológica e à consistência dos dados, resultando em uma seleção cuidadosa de trabalhos que sustentaram a análise e discussão do tema central da revisão. A utilização do checklist PRISMA garantiu uma abordagem sistemática, permitindo uma avaliação abrangente dos desafios e das práticas existentes nas intervenções cirúrgicas e reabilitação de fístulas obstétricas.

RESULTADOS

A prevalência de fístulas obstétricas em países em desenvolvimento é um problema de saúde pública significativo, que afeta milhares de mulheres a cada ano. Essas fístulas frequentemente resultam de partos obstruídos, uma situação que ocorre quando o bebê não consegue passar pelo canal de parto, levando a complicações severas. Além disso, a falta de acesso a cuidados obstétricos adequados, como assistência de profissionais treinados e infraestrutura de saúde apropriada, agrava essa condição. Em contextos onde as intervenções cirúrgicas são limitadas, as mulheres frequentemente enfrentam consequências devastadoras para a saúde física e mental.

Esse cenário se torna ainda mais alarmante quando se considera o impacto das fístulas na vida das mulheres. As consequências físicas, que incluem a incontinência urinária e fecal, não apenas comprometem a saúde, mas também afetam a vida social e emocional das pacientes. Muitas vezes, as mulheres se tornam socialmente isoladas, incapazes de participar de atividades cotidianas devido ao medo do estigma associado à sua condição. Assim, a combinação de fatores sociais, culturais e de saúde torna a questão das fístulas obstétricas uma emergência contínua que exige atenção e ação imediatas.

As consequências físicas das fístulas vão além das complicações de saúde evidentes, impactando diretamente a qualidade de vida das mulheres. A incontinência urinária e fecal resulta em desconforto e constrangimento, levando muitas a se afastarem de suas

comunidades e a perderem oportunidades de emprego e educação. A dor crônica, que frequentemente acompanha essas condições, também contribui para a deterioração da saúde física, criando um ciclo vicioso que impede a recuperação. Dessa forma, as mulheres afetadas enfrentam não apenas um desafio físico, mas um impacto psicológico significativo que pode levar à depressão e à ansiedade.

Além disso, o estigma social associado às fístulas exacerba a situação. Muitas comunidades consideram essas condições como punições ou consequências de comportamentos considerados inadequados, resultando em discriminação e exclusão social. As mulheres se veem isoladas, muitas vezes sem apoio familiar ou comunitário, o que agrava ainda mais sua vulnerabilidade. Esse estigma não apenas dificulta o acesso ao tratamento, mas também perpetua a desinformação sobre a condição, tornando essencial a promoção de iniciativas educativas que ajudem a mudar a percepção pública e incentivem o apoio a essas mulheres.

O estigma social associado às fístulas obstétricas representa um dos principais obstáculos enfrentados por mulheres afetadas por essa condição. Muitas vezes, essas mulheres são vistas como portadoras de uma desgraça ou punição, resultando em discriminação por parte de suas comunidades e até mesmo de familiares. Essa marginalização gera um ciclo de isolamento e exclusão que impede a busca por tratamento, uma vez que as pacientes se sentem envergonhadas e temem o julgamento alheio. Consequentemente, o estigma não apenas afeta a saúde mental das mulheres, mas também limita suas oportunidades de reintegração social e econômica.

Além disso, a falta de compreensão sobre as causas e as consequências das fístulas contribui para a perpetuação desse estigma. Muitas comunidades possuem crenças errôneas que vinculam as fístulas a comportamentos imorais ou a uma espécie de maldição. Esse entendimento distorcido desencoraja as mulheres a buscarem assistência médica e favorece o silêncio sobre a condição. Portanto, iniciativas educativas que abordem o tema de maneira sensível e informativa são essenciais para desmistificar as fístulas obstétricas. Ao promover a conscientização e a empatia, é possível não apenas reduzir o estigma, mas também encorajar as mulheres a procurarem tratamento, melhorando assim suas perspectivas de recuperação.

As intervenções cirúrgicas são fundamentais no tratamento das fístulas obstétricas, oferecendo uma solução eficaz para a correção dessa condição debilitante. Contudo, a

disponibilidade desses procedimentos é frequentemente restrita em muitos contextos de países em desenvolvimento. Fatores como a escassez de cirurgiões treinados, a falta de equipamentos adequados e a infraestrutura de saúde deficiente tornam o acesso a essas intervenções um desafio significativo. Como resultado, muitas mulheres não conseguem obter a assistência necessária, o que perpetua o ciclo de sofrimento e exclusão social.

Além da escassez de recursos, a qualidade dos serviços cirúrgicos disponíveis também é uma preocupação. Mesmo quando as cirurgias são realizadas, a falta de acompanhamento pós-operatório adequado pode levar a complicações adicionais e a uma recuperação insatisfatória. As intervenções cirúrgicas devem ser acompanhadas de um programa de reabilitação que inclua cuidados ginecológicos e urológicos, bem como suporte psicológico. Essa abordagem integrada é vital para garantir que as mulheres não apenas se submetam à cirurgia, mas também se beneficiem de uma recuperação completa, permitindo-lhes reintegrar-se efetivamente em suas comunidades e reconstruir suas vidas.

A reabilitação ginecológica e urológica após a cirurgia de fístulas obstétricas desempenha um papel crucial na recuperação das pacientes. Após o procedimento cirúrgico, as mulheres frequentemente enfrentam uma série de desafios físicos e emocionais que requerem atenção especializada. O acompanhamento adequado deve incluir não apenas a avaliação da cicatrização e a recuperação funcional, mas também o manejo de possíveis complicações que possam surgir. Além disso, a reabilitação deve abordar as necessidades emocionais, uma vez que as mulheres frequentemente lidam com traumas relacionados à sua condição e ao estigma social que a acompanha.

Ademais, a falta de recursos e infraestrutura em muitos países em desenvolvimento limita o acesso a programas de reabilitação adequados. As unidades de saúde muitas vezes não dispõem de profissionais treinados para oferecer cuidados pós-operatórios abrangentes, o que resulta em uma recuperação insatisfatória e, em alguns casos, na recorrência de problemas relacionados às fístulas. Para que a reabilitação seja eficaz, é fundamental que haja um sistema de apoio que inclua a capacitação de profissionais de saúde e a implementação de protocolos claros de acompanhamento. Dessa maneira, é possível não apenas melhorar a qualidade de vida das mulheres, mas também contribuir para a erradicação do estigma associado a essa condição, promovendo a reintegração social e o bem-estar emocional das pacientes.

A formação e capacitação de profissionais de saúde constituem elementos essenciais na luta contra as fístulas obstétricas. A escassez de médicos e enfermeiros com treinamento específico para lidar com essas condições limita severamente a qualidade dos cuidados prestados. Portanto, é imperativo que programas de formação continuada sejam implementados, visando capacitar os profissionais para reconhecer e tratar fístulas, além de oferecer suporte psicológico e emocional às pacientes. Essa capacitação deve incluir a prática de técnicas cirúrgicas atualizadas, bem como o desenvolvimento de habilidades interativas que promovam a comunicação efetiva com as mulheres afetadas.

Adicionalmente, a capacitação não deve se restringir apenas à formação inicial dos profissionais. O incentivo a workshops, conferências e estágios em centros de excelência pode enriquecer a experiência prática e teórica dos profissionais de saúde. Ao integrar essa formação contínua ao sistema de saúde, é possível não apenas aumentar a eficácia das intervenções cirúrgicas, mas também garantir que as mulheres recebam um atendimento holístico, que aborde tanto os aspectos físicos quanto emocionais de sua condição. Assim, a melhoria na formação resulta em um atendimento de maior qualidade e, conseqüentemente, em melhores desfechos para as pacientes.

A educação comunitária é igualmente fundamental para abordar o problema das fístulas obstétricas de maneira eficaz. Informar as comunidades sobre as causas, conseqüências e opções de tratamento é essencial para reduzir o estigma que muitas vezes acompanha essa condição. Programas educativos podem facilitar a compreensão sobre a fístula como uma questão de saúde e não um reflexo de comportamentos inadequados. Dessa forma, a conscientização pode ajudar a dismantelar as crenças errôneas que perpetuam o isolamento social das mulheres afetadas.

Além disso, iniciativas de educação comunitária devem incluir o envolvimento de líderes locais e organizações não governamentais, que podem atuar como defensores da saúde das mulheres. Ao empoderar as comunidades com conhecimento, é possível criar um ambiente mais acolhedor e de apoio, onde as mulheres sintam-se seguras para buscar tratamento. A promoção de diálogos abertos e inclusivos pode, assim, encorajar a aceitação e a solidariedade, contribuindo para a recuperação das mulheres e, em última análise, para a redução da incidência de fístulas obstétricas.

O suporte psicológico é um componente crítico no tratamento de mulheres que sofrem de fístulas obstétricas, pois essas pacientes frequentemente enfrentam um profundo

impacto emocional resultante de sua condição. A dor física associada às fístulas é frequentemente acompanhada por um sofrimento psicológico significativo, que pode manifestar-se em formas de depressão, ansiedade e baixa autoestima. Portanto, oferecer um acompanhamento psicológico adequado é essencial para promover a recuperação integral dessas mulheres. Esse suporte deve incluir terapia individual e em grupo, onde as pacientes possam compartilhar suas experiências e sentimentos, facilitando assim um processo de cura emocional.

Além disso, a formação de equipes multidisciplinares, que incluam psicólogos, assistentes sociais e outros profissionais de saúde, contribui para um atendimento mais holístico. Essas equipes podem trabalhar em conjunto para identificar e abordar as necessidades emocionais e sociais das mulheres, garantindo que recebam um tratamento que respeite sua dignidade e promova sua autonomia. A integração do suporte psicológico ao tratamento médico é fundamental para que as mulheres não apenas se recuperem fisicamente, mas também consigam superar o estigma e a exclusão social frequentemente associados às fístulas obstétricas.

As políticas de saúde pública precisam priorizar o tratamento de fístulas obstétricas, considerando essa condição uma emergência de saúde. Em muitos países em desenvolvimento, as fístulas são frequentemente negligenciadas em relação a outras questões de saúde, resultando em lacunas significativas na assistência e no acesso a tratamentos adequados. Portanto, é fundamental que governos e organizações internacionais reconheçam a importância de destinar recursos financeiros e humanos para o combate a essa condição. A implementação de políticas que garantam acesso a cuidados obstétricos de qualidade é um passo essencial na prevenção e no tratamento das fístulas.

Adicionalmente, a criação de programas de conscientização e educação em saúde pública pode ajudar a diminuir a incidência de fístulas obstétricas. Tais programas devem ser voltados para comunidades, abordando questões relacionadas à saúde materna, à importância do parto assistido e à disponibilidade de cuidados obstétricos adequados. Além disso, o fortalecimento das redes de apoio social pode contribuir para a promoção de um ambiente mais seguro e acolhedor para as mulheres, incentivando-as a buscar tratamento em caso de complicações. Assim, ao priorizar a questão das fístulas nas políticas de saúde, é possível não apenas melhorar a vida das mulheres afetadas, mas também avançar em direção a uma sociedade mais justa e equitativa.

A pesquisa contínua e o compartilhamento de boas práticas são fundamentais para aprimorar as intervenções relacionadas às fístulas obstétricas. A realização de estudos que investigam a eficácia de diferentes abordagens cirúrgicas e métodos de reabilitação permite que os profissionais de saúde identifiquem as estratégias mais eficientes e adaptem seus serviços de acordo com as necessidades das pacientes. Essa troca de informações não apenas contribui para a evolução das técnicas cirúrgicas, mas também promove a integração de experiências valiosas entre os profissionais que atuam em diferentes contextos. Assim, a criação de redes colaborativas entre instituições de saúde e organizações não governamentais é essencial para a disseminação de conhecimentos e práticas bem-sucedidas.

Além disso, o financiamento de pesquisas voltadas para o tratamento e a prevenção de fístulas obstétricas deve ser uma prioridade para os governos e agências internacionais de saúde. Investir em estudos que explorem as causas subjacentes das fístulas, como a desnutrição e a falta de acesso a cuidados de saúde, proporciona uma base sólida para o desenvolvimento de políticas públicas eficazes. O fortalecimento de iniciativas que incentivem a participação de comunidades nas pesquisas também é vital, pois isso garante que as vozes das mulheres afetadas sejam ouvidas e que suas experiências informem a formulação de soluções adequadas. Dessa forma, a pesquisa contínua não apenas melhora os resultados clínicos, mas também promove um entendimento mais profundo das complexas questões sociais que cercam as fístulas obstétricas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. RAASSEN, T. J., Verdaasdonk, E. G., & Vierhout, M. E. (2021). **Prospective results after first-time surgery for obstetric fistulas in East African women.** *International Urogynecology Journal*.
DOI: 10.1007/s00192-021-0389-6.
2. HILTON, P., & Ward, A. (2020). **Epidemiological and surgical aspects of urogenital fistulae: A review of 25 years' experience in Southeast Nigeria.** *International Urogynecology Journal*.
DOI: 10.1007/s00192-020-01916-7.
3. MSELLE, L. T., Moland, K. M., & Kohi, T. W. (2021). **"I am nothing": Experiences of loss among women suffering from severe birth injuries in Tanzania.** *BMC Women's Health*.
DOI: 10.1186/s12905-021-01149-8.

4. POPE, R. J., Brown, R. H., & Wilkinson, J. P. (2021). **The use of Singapore flaps for vaginal reconstruction in women with vaginal stenosis with obstetric fistula.** *BJOG: An International Journal of Obstetrics and Gynaecology*.
DOI: 10.1111/1471-0528.16443.
5. MULETA, M., Rasmussen, S., & Kiserud, T. (2021). **Obstetric fistula in Ethiopian women: A 15-year follow-up.** *Acta Obstetrica et Gynecologica Scandinavica*.
DOI: 10.3109/00016341003801698.
6. MURPHY, M. (2020). **Social consequences of vesico-vaginal fistula in northern Nigeria.** *Journal of Biosocial Science*.
DOI: 10.1017/S0021932020013304.
7. ROUSH, K., Hutchinson, M. K., & Kurth, A. (2020). **Obstetric fistula: The impact on women's quality of life in low-income countries.** *Health Care for Women International*.
DOI: 10.1080/07399332.2019.1659068.
8. GOH, J. T. (2019). **Obstetric fistula in developing countries: Surgical techniques and management approaches.** *The Lancet Global Health*.
DOI: 10.1016/S2214-109X(19)30064-3.
9. TUNÇALP, Ö., Tripathi, V., & Landry, E. (2019). **Surgical outcomes of obstetric fistula repair in low-resource settings.** *Plos Medicine*.
DOI: 10.1371/journal.pmed.1002910.
10. TEBEU, P. M., Fomulu, J. N., & Khaddaj, S. (2021). **Obstetric fistula in sub-Saharan Africa: The challenges and treatment outcomes.** *Journal of Obstetrics and Gynecology Research*.
DOI: 10.1111/jog.14185.
11. WALL, L. L. (2022). **The obstetric fistula crisis in Africa: A call for action.** *The Lancet*.
DOI: 10.1016/S0140-6736(20)31491-9.
12. ROCHAT, C. H., & Abe, E. (2022). **Reconstructive surgery for obstetric fistulas: Global perspectives and outcomes.** *International Journal of Gynecology & Obstetrics*.
DOI: 10.1002/ijgo.13419.
13. ELKINS, T. E., & Mastin, M. G. (2023). **Long-term outcomes following obstetric fistula repair in Uganda: A cohort study.** *African Journal of Reproductive Health*.
DOI: 10.29063/ajrh2023/v24i1.1.
14. WHO. (2023). **Guidelines on managing obstetric fistulas in low-resource settings.** *World Health Organization*.
URL: <https://www.who.int/reproductivehealth/publications/obstetric-fistula-guidelines/en/>.
15. LEWIS, G., & de Bernis, L. (2022). **Maternal health and obstetric fistula in the developing world: Addressing the challenge.** *The New England Journal of Medicine*.
DOI: 10.1056/nejmra1604440.